

ARQUITETURA DE PEQUENOS ESPAÇOS: A MEDIDA NECESSÁRIA PARA UMA MORADIA SEGURA E CONFORTÁVEL

ARCHITECTURE OF SMALL SPACES: THE EXTENT NECESSARY FOR SAFE AND COMFORTABLE HOUSING

André Luis Debarba¹

Bárbara Reichert²

Franciele Rohr³

Franciele Henn⁴

Gracielle Rodrigues da Fonseca Rech⁵

Rita Inês Petrykowski Peixe⁶

Resumo

O presente artigo tem como propósito discutir acerca de uma tendência emergente na arquitetura contemporânea, designada como “Arquitetura de pequenos espaços”. Mundialmente, há uma grande disposição imobiliária em reduzir cada vez mais as novas construções, no intuito de minimizar, não apenas custos, mas, sobretudo, a ocupação proativa. É fato que o número de pessoas que moram sozinhas cresceu muito nos últimos anos. Elas frequentam com mais regularidade, bares, restaurantes e espaços públicos e estão ampliando a revitalização da vida urbana. Que tipo de moradia seria adequado a esse novo perfil populacional? Os adeptos desse

¹ Especialista em Engenharia de Produção, coordenador e docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdades de Itapiranga - FAI. E-mail: arquitetura@seifai.edu.br

² Especialista em Gestão e Projetos: Arquitetura e Design de Interiores, docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdades de Itapiranga - FAI. E-mail: barbara_blu@hotmail.com

³ Especialista em Arquitetura comercial com ênfase em construtibilidade, docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdades de Itapiranga - FAI. E-mail: francielerohr@yahoo.com

⁴ Especialista em Arquitetura comercial com ênfase em construtibilidade, docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdades de Itapiranga - FAI. E-mail: graciellerfrech@hotmail.com

⁵ Especialista em design de interiores: novas tendências, designer de interiores. E-mail: chely.designer@gmail.com

⁶ Doutora e Mestre em Educação, Especialista em Arte/Educação, docente e Coordenadora de Extensão no Instituto Federal de Santa Catarina, IFSC de Itajaí. E-mail: ritapeixe@hotmail.com

Revista Infinity, vol. 1, n. 1, 2016.

FAI Faculdades – Faculdade de Itapiranga (SC)

novo conceito defendem que espaços menores causam menos impacto ambiental, pela menor quantidade de material empregado na obra, gastam menos energia e tornam as pessoas menos acumulativas ao longo de sua existência. As pequenas moradias proporcionam um jeito livre de vida. E, por não terem paredes, limites de visão do ambiente, tornam-se práticas em um espaço totalmente aberto e de fácil acesso. Essas moradias estão inspiradas nos lofts feitos em galpões, uma ideia que tem início e que tem se expandido largamente nos Estados Unidos. E no Brasil, como isso pode ser dimensionado? A partir de algumas aproximações e experiências com lofts é possível refletir acerca das questões relacionadas às moradias de pequenos espaços e suas adequações. Nesse sentido, o objetivo desse artigo está centrado em empreender algumas aproximações ao design de interiores, mais particularmente às tendências, clichês e a aspectos atinentes à arquitetura com vistas a pensar soluções possíveis para pequenos espaços e algumas percepções acerca do público adepto a essa tendência.

Palavras-chaves: Arquitetura contemporânea. Design de interiores. Pequenos espaços. Tendências.

Abstract

This article aims to discuss about an emerging trend in contemporary architecture, designated as "Architecture of small spaces." Worldwide, there is a great real estate available in increasingly smaller new buildings in order to minimize not only costs, but, above all, proactively occupation. It is a fact that the number of people living alone has grown significantly in recent years. They attend more regularly, bars, restaurants and public areas and they are expanding the revitalization of urban life. What type of housing would be appropriate for this new population profile? The supporters of this new concept defend that smaller spaces cause less environmental impact, because of less amount of material employed in the work, use less energy and make less accumulative people throughout its existence. Small houses provide a free way of life, because they do not have walls, do not have limits views of the ambient, become practical in a fully open and accessible space. These housing are inspired by the lofts made in sheds, an idea that starts and has greatly expanded in the United States. And in Brazil, how can it be dimensioned? From some approaches and experiences with lofts is possible to reflect on issues related to small spaces housings and their adaptations. In this sense, the objective of this article is focused on undertaking some approaches to interior design, more particularly to trends, clichés and aspects related to architecture in order to think about possible solutions for small spaces and some perceptions about a public supporter of this trend.

Keywords: Contemporary Architecture. Interior design. Small spaces. Trends.

Introdução

Apesar do fato de o design de interiores ainda ser confundido, por vezes, com mera decoração de ambientes, deve ser pensado como uma técnica cenográfica, visual e arquitetônica de composição e organização de espaços de suma importância na atualidade.

Atualmente, existe uma grande busca por profissionais qualificados em design de interiores, o que se deve à existência de uma maior cultura do cliente que busca algo além de um mero “enfeite” ou embelezamento para sua casa; busca algo que tenha significado e que o identifique. Nesse sentido, no presente artigo, far-se-á primeiramente um estudo acerca de aspectos relacionados à arquitetura e o design de interiores para, posteriormente, apontar os significados e usos das tendências, dos clichês, reproduções culturais no desenvolvimento de projetos. Nesse sentido, buscará ainda, entender, a partir de pesquisas, esse novo estilo de vida contemporâneo, cheio de criatividade e originalidade, onde a proposta é viver sozinho em pequenos espaços.

Parece óbvio afirmar que um dos aspectos relevantes para o bom desenvolvimento de um projeto de interiores é o conhecimento técnico do profissional que trabalha na área, cujo propósito fundamental é o de tornar-se perito ou especialista no assunto. Talvez, por esse motivo, compreender a natureza do processo de desenvolvimento de um projeto não seja uma tarefa simples, mas é, de certa forma, fundamental. De modo a alargar os conhecimentos acerca do design de interiores, é imprescindível, além dos aspectos de domínio técnico, a permanente atualização e ainda o conhecimento por meio de pesquisa bibliográfica relacionada a alguns termos utilizados no dia-a-dia do profissional.

A investigação ora proposta, tem como objetivo estudar e discutir diferentes soluções que arquitetos e designers podem utilizar para resolver problemas de ocupação e melhor aproveitamento de espaços muito reduzidos. Esse estudo também abordará questões acerca do design de interiores, como conceito inicial; tendências, clichês, arquitetura e soluções para pequenos espaços, bem como o público adepto a essa tendência e aproximações que determinam o quanto esse tipo de orientação tem sido veiculada em eventos de arquitetura.

Arquitetura de pequenos espaços: Design de interiores

Antes de qualquer análise, torna-se imprescindível a definição do termo “Design”. Muito se discute sobre a suposta etimologia do termo, pois este surge no cotidiano quase como um vocábulo coringa que agrupa e dá status a atividades que, a princípio, não têm necessariamente, relação direta com a palavra.

Segundo Bürdek (2006, p.13), “as inúmeras correntes e tendências do Design, até as descrições ricamente difusas, espelham por si só o uso do termo Design.” Ainda, de acordo com o autor, tem-se que:

[...] Leonardo da Vinci é mencionado de bom grado como o primeiro designer. Em paralelo a seus estudos científicos de anatomia, ótica e mecânica ele é considerado como precursor do conhecimento de máquinas, ao editar, por exemplo, o “Manual de Elementos de Máquinas” (BÜRDEK, 2006, p. 13)

A origem do design coincidiu com o início da Revolução Industrial, que possibilitou a chegada de técnicas e tecnologias capazes de permitir a reprodução em larga escala. Um exemplo é o design gráfico que, segundo alguns autores, teve início com os primeiros livros impressos, onde se começou a usar as primeiras formas de tipografias. Segundo Azevedo,

A estética do final do século passou a ser uma ferramenta que tenta lapidar tudo que já foi discutido e realizado pelo homem. O design surge quando o homem começa a fazer suas primeiras ferramentas, e o designer continua a lidar com ferramentas. A diferença é que sua ferramenta hoje é o próprio ato de gerar informação. (AZEVEDO, 1998, p. 11)

Anteriormente, o design era conhecido como técnica usada por artesãos, que passava por gerações. Com o surgimento da indústria houve a tentativa de aproximar o artesão da máquina, já que estas tomariam, de certa maneira, seu lugar. A ideia que se desenvolvia com a Revolução Industrial era de confeccionar os objetos com rapidez e em série. Assim, logo surgiu a necessidade de criar um objeto que, além de bonito, fosse funcional, designado pelo artesão, futuro design.

Tendências

É comum observar as pessoas buscando as últimas tendências lançadas, seja qual for o segmento: moda, produtos, design de interiores, entre outros. Mas, na realidade, o que são tendências? Como estas são estabelecidas? Elas satisfazem as necessidades do usuário?

De acordo com Mancuso (2013), com a evolução tecnológica, a arquitetura residencial tomou formas diferentes no decorrer dos anos, desde um hall de entrada, que antigamente não passava disso, foi se integrando com os demais ambientes como a sala de estar e o home theater, tornando assim a tarefa do designer de interiores mais árdua para que se estabeleça uma união. Pode-se dizer que esse avanço alavancou uma tendência de agrupamento de espaços que antigamente não eram bem vistos.

Com isso, é possível afirmar que os projetos geralmente se iniciam com as tendências, ou seja, ideias oriundas de um estoque visual e uma bagagem cultural do designer. O designer, muitas vezes, acaba por cair em clichês devido ao fato de “linkar” coisas, advindas de tendências observadas em revistas, mostras e eventos.

Os Clichês

Um clichê é uma expressão idiomática que, de tanto utilizada e repetida, desgastou-se e perdeu, de certa forma, o sentido, gerando uma má reação ao invés do efeito esperado.

Esta é uma época muito boa para se falar em clichês, porque tudo fica obsoleto rapidamente. A velocidade de tudo nos faz impacientes com as repetições dos acontecimentos, considerando que existe uma busca constante pelo novo. Fazer uso de clichês significa buscar ideias fixas sobre determinado ponto de vista, o que se torna previsível. Os clichês, para o design, acabam por serem interpretados como falta de criatividade.

Em outras palavras, pode-se dizer que o clichê, para com o design de interiores, é aquela padronização, aquele projeto que se desenvolve inteiramente dentro da previsibilidade do cliente,

Revista Infinity, vol. 1, n. 1, 2016.

FAI Faculdades – Faculdade de Itapiranga (SC)

sem ter elementos inovadores e diferenciados. Podemos chamar também essa previsibilidade de ponto seguro do designer, sem ousadia.

Há muito preconceito em relação aos clichês, por este termo ter virado sinônimo de ideias fixas, padronização e até mesmo por fazer referência à classe de baixa renda. Porém, se usado de forma criativa, o clichê pode virar tendência. Segundo Amstel:

As Havaianas são um caso clássico. Chinelo de baixo custo era associado à classe de baixa renda, que não teria condições de comprar calçados melhores. Como tática de diferenciação, algumas pessoas viraram ao contrário os solados, deixando a superfície branca característica para baixo. Essa prática se reproduziu por muitos anos, até que o designer José Marcos da Silva propôs a Havaianas Top, em diversas cores e sem a superfície branca. Resultado: sucesso absoluto de vendas e magnífica revalorização da marca. Hoje, as Havaianas são exportadas para 80 países do mundo e vestidas em desfiles da mais alta moda. (AMSTEL, 2007, p. 02)

Para os clichês darem certo, as mudanças devem ocorrer gradativamente, possibilitando conciliar e transformar o velho em novo decorrente de pequenas e certas mudanças. Nesse sentido, podemos afirmar que os clichês estarão sempre presentes nos projetos de pequenos espaços, uma vez que regras e padronizações já fazem parte de diversos projetos localizados em espaços minimizados e que requerem novas adequações.

Pequenos espaços podem gerar grandes conceitos

De que forma o uso de pequenos espaços pode ser adequado, seguro e confortável? Quantos metros quadrados são necessários para uma moradia segura e confortável? Mundialmente, há uma grande tendência imobiliária em reduzir cada vez mais as novas construções.

Apartamentos com metragens ínfimas para os padrões do século passado vêm sendo construídos. As famílias em todo planeta também estão cada vez menores e o crescimento demográfico vem desacelerando nas últimas décadas. Ainda assim, a população cada vez mais vem optando por viver nos grandes centros urbanos, onde as estruturas são inchadas e os espaços

Revista Infinity, vol. 1, n. 1, 2016.

FAI Faculdades – Faculdade de Itapiranga (SC)

sempre disputados. É evidente que espaços menores têm menor custo, mas para muitos essa opção nada tem a ver com custos e sim com um estilo de vida, que busca a redução de consumo em todas as esferas, inclusive na moradia. O que habita nessas pessoas é o cansaço com a sociedade altamente consumista e o desejo de redução do estilo de vida ao essencial, considerando que as posses podem se tornar prisões do espírito.

Loft: Origens, definição e características.

O loft surgiu na década de 40 em Nova Iorque, logo após a expansão da indústria, fazendo com que as fábricas e armazéns deixassem o centro da cidade em busca de lugares mais amplos. Esses galpões vazios atraíram jovens e artistas pobres, que tinham a vontade de ter um espaço “neutro”, onde tudo fosse possível, desde a criação de obras, como simplesmente habitar esse espaço, torná-lo casa. E, realmente, uma tão grande área, como é comum nestes edifícios, sem adornos e isentos de divisórias, é um espaço que se propicia a ser apropriado e utilizado consoante às vontades do habitante (MARTINS, 2009, p. 47).

O loft consegue, assim, responder a dois grupos, muitas vezes comuns, da sociedade atual: aqueles que defendem a recuperação do patrimônio industrial; e as pessoas que procuram ter um modo de vida diferente das outras, pela individualidade que querem sentir e mostrar, modo de vida, este representado pela habitação diferente que o loft caracteriza.

No Brasil, o loft só veio aparecer nos anos 90. Como não havia os galpões para ocupar, construíram-se novos prédios. Esses apartamentos possuíam pé direito duplo, de maneira a atender ao público de médio e alto poder aquisitivo, jovens solteiros bem sucedidos ou de casais que decidiram não ter filhos.

Os lofts de hoje mudaram: dos originais galpões, tornaram-se pequenas moradias, com espaços totalmente abertos e que não vêm só de prédios recém-construídos. É interessante notar que vários donos de apartamentos com menos de 70,00 m², quebram as paredes para ampliar o

quarto ou sala. Pelo fato deles serem ambientes únicos, deve haver harmonia entre as cores, uma ótima decoração e também a utilização de poucos móveis.

Público alvo do loft

Sem qualquer pretensão sociológica, importa aos profissionais da área de arquitetura ou design de interiores, conhecer a sociedade para a qual projetam. Logo, neste caso, interessa perceber qual o público-alvo dos lofts, que tipo de pessoas se identificam com esta habitação e quem pretende viver nela, se é que se pode estabelecer assim uma personagem que represente um grupo com características semelhantes que o façam servir de “amostra” para o conhecimento da tal, suposta, identidade do habitante do loft, tendo a noção de que a identidade de um habitante é multiforme e articulada (MARTINS, 2009, p. 56).

Interessa perceber qual a população-alvo e a sua respectiva identidade profissional e cultural. Será que quem hoje procura um loft para viver, não esquecendo que são espaços também passíveis de funcionarem como local de trabalho, se revê nos ideais dos artistas do século passado que iniciaram este tipo de habitação?

Quem hoje procura um loft procura mais do que uma simples casa; procura um espaço invulgar e “especial”, no qual possa morar e/ou trabalhar e onde seja possível a transformação de um espaço descaracterizado num espaço pessoal.

Se no início, o seu ocupante-tipo era o artista que, à procura de um espaço para atelier, encontrou um que era, simultaneamente, casa, atualmente, há uma imensa procura de habitações por parte essencialmente de jovens da classe média e não há oferta. Mais do que uma casa, as pessoas procuram “a sua casa”, uma casa com a qual se identifiquem e, sobretudo, a faixa etária mais jovem identifica-se com o conceito de loft. Seja porque é uma casa no centro da cidade, seja porque tem características diferentes das casas comuns, seja porque provém de um edifício do passado, sendo que esta noção de “salvaguarda do património” se encontra hoje muito presente nas ideologias da população, essencialmente na geração referida, no nível da arquitetura, mas também de costumes, numa tentativa de manter a identidade em uma época de

Revista Infinity, vol. 1, n. 1, 2016.

FAI Faculdades – Faculdade de Itapiranga (SC)

globalização em todos os campos da vida contemporânea, apesar de, mesmo mantendo o que é típico, se tenta sempre inovar, no dia-a-dia (arquitetura, “artesanato urbano”, gastronomia). Com isso, o loft encontra adeptos dispostos a vivê-lo.

Profissionalmente, já não são apenas procurados pela classe artística, mas por pessoas de qualquer profissão, que desejam viver sozinhos, mantendo desta o lado criativo, já que a criatividade empregada no habitar é máxima, pois todas as opções são possíveis.

O loft, enquanto habitação aberta, ampla, sem divisões, é, como nenhuma outra, uma casa permeável e “extrovertida”, virada para o mundo exterior, no sentido de que se mostra perante tudo e todos, sem qualquer hipótese de recolhimento e introspecção.

Eles moram sozinhos e estão transformando nossas cidades

Parafraseando a reportagem apresentada na revista Galileu (2013), é importante endossar que, pensar naquelas pessoas que vivem sozinhas como solitárias, já é algo que ficou no passado. Não dividir a casa com mais ninguém é uma escolha e símbolo de liberdade e independência para muitos moradores de grandes centros urbanos. São pessoas que podem pagar as próprias contas e querem ter um espaço que seja somente seu, sem se submeter às vontades e opiniões dos outros. Nesta busca pela individualidade, elas acabam transformando muito mais do que a si mesmas, mas também o entorno em que vivem.

Para facilitar o estilo de vida urbano e social, os que moram sozinhos têm suas exigências, conforme nos aponta ainda a revista Galileu,

Eles buscam localização e comodidade: lojas, serviços, transportes públicos. Regiões próximas de zonas comerciais ou de áreas de escritórios são as preferidas, afirma Sérgio Canton, da Associação Brasileira do Mercado Imobiliário (ABMI). Eles priorizam morar perto do trabalho, usar transporte alternativo e fortalecer o comércio local. Por estarem mais nas ruas, também fazem com que as cidades precisem de mais infraestrutura e espaços públicos cuidados. (GALILEU, 2013, p. 12)

Há quem diga que é coisa de eremita ou então puro egoísmo, típico da "era moderna". Chega-se até a falar na "ruína da família" e no "fim do convívio em comunidade". Entretanto, o

Revista Infinity, vol. 1, n. 1, 2016.

FAI Faculdades – Faculdade de Itapiranga (SC)

crescimento no número de casas habitadas por uma só pessoa, no Brasil e no mundo, não significa necessariamente isso. A única realidade que a tendência reflete, sem deixar margem a dúvidas, é a prosperidade econômica da população. "Esse é um luxo a que só as classes média e alta podem se dar" (GALILEU, 2013, p.12).

Mercado Single

No Brasil, a "família unipessoal", segundo os critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é a modalidade de moradia que mais cresceu nas últimas duas décadas. O censo de 2010 revelou que 12,1% (6,98 milhões) do total de residências no país são unipessoais. Há 20 anos, eram apenas 6,5% (2,4 milhões). A tendência é crescente nos países desenvolvidos (ELY, 2010).

O gradual crescimento do número de lares com apenas um morador no Brasil e no Mundo tem sua explicação em fatores como envelhecimento da população, o aumento do número de divórcios e uma mudança do estilo de vida da população como um todo, como também a inserção da mulher no mercado de trabalho (ELY, 2010).

Aproximações

A 20ª edição da Casa Cor Paraná 2013, realizada em Curitiba-PR, trouxe uma tendência que até então não havia sido mostrada nas outras edições do evento. A arquitetura de pequenos espaços foi proposta de maneira que todos os ambientes necessários para uma moradia fossem concentrados em apenas um ambiente. Uma aproximação a essa proposta pode nos dar uma ideia do que encontrar nessa tendência, ilustrando aquilo que ensinamos refletir.

Casa Cor Paraná 2013

A Casa Cor, evento que ocorre nas grandes capitais e que movimenta um número significativo de empresas ligadas à construção civil e prestadores de serviços nas mais diversas

Revista Infinity, vol. 1, n. 1, 2016.

FAI Faculdades – Faculdade de Itapiranga (SC)

áreas, principalmente no ramo da arquitetura e design, tem mostrado, a cada edição em várias cidades do Brasil, uma mistura de estilos, tendências, personagens, detalhes de decoração, refinada criatividade e moderna arquitetura de interiores, capaz de retratar e exibir o estilo de vida e o “morar contemporâneo”. Particularmente, a visita e interações propostas pela Casa Cor Paraná 2013, resultou em uma experiência interessante, que permitiu captar a evolução dos costumes, mudanças de necessidades e estilos de vida.

Os lofts criados para a Casa Cor Paraná 2013 foram direcionados para públicos distintos, mas que possuem um mesmo padrão “single”: aquela pessoa que saiu de casa, extremamente urbana, com boa renda que, considerando o estágio da vida em que está, exige conforto e praticidade.

O evento apresentou quatro moradas compactas para distintos públicos:

Loft do piloto de automobilismo: Jovem, arrojado e dinâmico. O espaço proposto a esse jovem emergente, traduz uma residência compacta com tudo o que uma casa pode oferecer, com cenários de acomodação.

Loft da advogada: A inspiração para o Loft são os apartamentos recém-lançados pelas construtoras, com ambientes integrados e espaços reduzidos. Cada área é separada apenas com a própria marcenaria, que foi altamente explorada também no mobiliário.

Loft da executiva: O espaço traduz o ambiente cosmopolita, aliado com a praticidade que um loft proporciona. Por ser compacto, também reforça o conceito da funcionalidade, a partir dos tons de cores e composições, que sugerem profundidade e setorização de usos.

Loft de um solteiro: Ambiente totalmente integrado para atender a todas as necessidades diárias de um executivo, bem sucedido, que busca em seu lar um local para relaxar, receber amigos e trabalhar a distância, algo muito comum nos dias atuais.

A breve descrição dos ambientes projetados para um público específico deu conta da atual preocupação em ocupar esse mercado emergente, razão pela qual há necessidade de estudos e novos projetos nesse âmbito.

Considerações Finais

Os conteúdos ora trabalhados e algumas aproximações empreendidas no presente estudo, nos apontam que, atualmente, é necessário fazer adequações nas pequenas moradias para se tornarem seguras e confortáveis. Endossando o já apontado, quem hoje procura um loft, procura mais do que uma simples casa: procura um espaço invulgar e “especial”, no qual possa morar e/ou trabalhar e onde seja possível a transformação de um ambiente descaracterizado num lugar pessoal.

Para chegar ao nível de melhor aproveitamento desses espaços, projetos destinados a dar conta de pequenos ambientes devem ser mais bem estruturados e propostos, o que requer maior volume de estudos para que se tenham soluções mais adequadas a cada realidade urbana.

Considerando que essa tendência é muito recente, o material bibliográfico acerca do assunto ainda é escasso ou incipiente, razão pela qual são necessárias maiores investigações, estudos de caso e a divulgação de “cases” com projetos bem sucedidos, voltados para a moradia de pequenos espaços.

Referências Bibliográficas

AMSTEL, Fred Van. *Tendências, clichês e reprodução cultural no design*. dez 2007. Disponível em: <http://www.usabilidoido.com.br>. Acesso em: 25 abril 2014.

AZEVEDO, Wilton. *O que é design*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

COUTO, R. M. S. (Org.); OLIVEIRA, A. J. (Org.). *Formas do Design – Por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro: 2AB, 1999. V.1. 191p.

BURDEK, Bernhard E. *Diseño. Historia, teoría y práctica del diseño industrial*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

MANCUSO, Clarice. *Guia Prático do Design de Interiores*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARTINS, Luísa. *O Loft (n)O Património Industrial (d)A Cidade: a reconversão em habitação no centro urbano*. Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências e Tecnologia -

Revista Infinity, vol. 1, n. 1, 2016.

FAI Faculdades – Faculdade de Itapiranga (SC)

Departamento de Arquitectura. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 14 de agosto de 2009.

ELY Roberta. *Conhecendo o mercado Single*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Escola de Administração. Porto Alegre 2010.

REVISTA GALILEU. *Eles Moram sozinhos e estão transformando nossas cidades*. Agosto de 2013.

Disponível:<http://barraportal.com.br/noticia/7640->

[Eles_moram_sozinhos_e_est%C3%A3o_transformando_nossas_cidades.html](http://barraportal.com.br/noticia/7640-Eles_moram_sozinhos_e_est%C3%A3o_transformando_nossas_cidades.html). Acesso em: 28 abril 2014.